



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

COMICIDADE NAS CRÔNICAS MACHADIANAS

Área do conhecimento: Letras, Linguística e Artes
Subárea do conhecimento: Literatura
Especialidade do conhecimento: Literatura Brasileira

Relatório Final
Período da bolsa: de agosto de 2017 a janeiro de 2018

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PICVOL

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ramos

Autora: Iasmim Santos Ferreira

IASMIM SANTOS FERREIRA

COMICIDADE NAS CRÔNICAS MACHADIANAS

Relatório Final de Iniciação Científica
apresentado à Coordenação de Pesquisa da
Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ramos

Itabaiana/SE

2018

RESUMO

Nosso trabalho parte do estudo da sátira menipéia e da tradição luciânica visando discutir a presença dessas tradições satíricas, que unem o cômico à filosofia, nas crônicas de Machado de Assis. Para tanto, investigamos o gênero discursivo crônica e o seu espaço dentro da produção machadiana. Ancoramo-nos nos estudos críticos de Rouanet (2007), Brandão (2001), Sá Rego (1989), Bakhtin (2010), que recuperam a tradição luciânica e/ou a observam na produção de Machado, além de outros estudos como o de Brayner (1982), o qual dedica-se às crônicas, chegando a considerá-las “o verdadeiro laboratório ficcional” machadiano. Delimitamos como *corpus* “Os Fanqueiros Literários”, que abre a sessão de crônicas “Aquarelas” (1859), e é definido pelo autor como uma “não sátira em prosa”, portanto, não tem finalidade moral, pelo contrário alinha-se à tradição luciânica que rejeita a moral e aponta o riso como saída. Os fanqueiros são um tipo literário curioso: “uma peculiaridade dos tempos modernos”. Machado faz uma dupla crítica, tanto a fancaria literária quanto às condições e intenções de produção. Para ele é “Fazer do talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa, movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência” (1859, p. 2).

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas machadianas; tradição luciânica; comicidade.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Objetivos	6
3. Metodologia	6
4. Resultados e discussões	7
5. Conclusões	18
6. Perspectivas	18
7. Referências bibliográficas	19
8. Outras atividades	20

INTRODUÇÃO

A antiga sátira menipéia surgiu com Menipo de Gadara, um sírio, zombeteiro que se opunha ao tipo de sátira praticado em sua época - a romana - de finalidade moral. Liberto da moralidade e das convenções do verso, Menipo satiriza a todos. Contudo, há apenas réstias de seu trabalho, que só ganha registro e visibilidade através dos escritos de Luciano de Samósata, já que apreende o modo satírico da menipéia e atribui a Menipo o lugar de personagem principal em parte de seus escritos, como o grande zombeteiro, atacando a vaidade humana seja de homens poderosos (reis, deuses), seja de pessoas comuns.

Luciano, sírio helenizado, que viveu no século II d. C., uniu a filosofia à comédia, produzindo diálogos sério-cômicos. Foi orador, filósofo, advogado, mas encontra nesses diálogos o melhor modo de discutir temáticas da vida humana e lhe atribuir sentidos. Seus escritos estão permeados de citações truncadas, mesclando gêneros discursivos, entrelaçados a fragmentos de outros textos, que parodia, e sem vínculos com a prescrição moral, observa ao longe e faz muitas citações truncadas. Esse modo de escrever tem influenciado a outros autores, como Erasmo, Rabelais, Swift, Voltaire, Dostoievski e Machado de Assis. Sobre este último repousa nosso interesse em investigar as relações entre suas crônicas e os diálogos luciânicos.

Falar da crônica machadiana é voltar-se a um gênero pouco estudado diante dos romances e contos, é voltar-se também ao seu “laboratório ficcional” como cunhado pela estudiosa Sonia Brayner (1982). A crônica é o gênero que Machado mais produziu, sob a palavra poética corriqueira, escrevendo ao “rés-do-chão”, como define Antonio Candido (1992), atravessou mais de quatro décadas produzindo “a todo vapor”, nas palavras de Machado, mas ainda assim, sem perder a áurea da literariedade.

Elegemos como *corpus* “Os fanqueiros literários”, a primeira crônica da série “Aquarelas”, publicada em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 1859. Nela, Machado considera os fanqueiros literários uma “aberração dos tempos modernos” que se insere no mundo dos literatos a fim de vender suas odes ou discursos, cujo objetivo está pautado no retorno financeiro e na vaidade de ser considerado um escritor. O cronista tece ferrenhas críticas a

esse tipo parasitário. Para tanto, os estudos de Enylton José de Sá Rego (1989), Jacyntho Lins Brandão (2001), Sônia Brayner (1982) ancorarão as análises e discussões nas próximas laudas.

OBJETIVOS

- Investigar a sátira menipéia e a tradição luciânica;
- Explorar a leitura das crônicas machadianas;
- Estudar o gênero crônica;
- Selecionar e analisar o *corpus*, apontando a presença da tradição luciânica e os sentidos engendrados por meio dessa perspectiva cômica.

METODOLOGIA

Inicialmente fizemos as leituras teóricas que subsidiaram a análise do *corpus*. Após as leituras, produzimos fichamentos. Houve reuniões mensais para discussão das teorias. Nessas reuniões correlacionamos os estudos teóricos, que tivemos acesso nesta pesquisa, com outros estudos já vistos nos anos anteriores de PIBIC, pois, nosso grupo de pesquisa é composto de alunas que já estavam pesquisando a comicidade na literatura brasileira em anos anteriores. Em seguida, partimos para a escolha do *corpus*. Consequente, houve a necessidade de atendimentos individuais para orientação de acordo com o autor, o gênero textual e as especificidades do texto literário escolhido. A metodologia aplicada caracterizou-se em leituras teóricas e críticas, produção de fichamentos, reuniões para discussões, correlação entre os estudos teóricos e as crônicas, escolha e análise do *corpus*, atendimentos individuais e produção de relatórios parcial e final.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para estudarmos a tradição luciânica é necessário voltar-se à sátira menipéia, provinda de Menipo de Gadara. Pouco ou quase nada conhecemos sobre ele, quem foi e o que fez. O historiador Diogenes Laércio registra durante o século III algumas linhas sobre Menipo. Entretanto, o que mais importa é o legado deixado por ele. Menipo desenvolveu um tipo de sátira diferente das tradições vigentes de sua época, provavelmente cairia no esquecimento se dois escritores posteriores não tivessem recuperado a menipéia, incorporando-a em suas produções, a saber, o romano Terêncio Varão e o sírio helenizado Luciano, sobretudo, este último.

O estudo sistemático da tradição luciânica na produção machadiana de Enylton José de Sá Rego, *O calundu e a panacéia* (1989), mostra que houve duas tradições distintas para a sátira praticada: a romana e a menipéia. A primeira caracterizava-se pelo verso hexâmetro e a finalidade moral. A segunda não detinha uma especificação formal para o verso nem critério moral.

Conhecer a sátira menipéia atualmente só é possível por via dos escritos de Luciano. Sua obra foi louvada em seu século, caída em esquecimento durante a Idade Média e redescoberta, traduzida e imitada do Renascimento até o século XVIII. Para Sá Rego, a tradição luciânica é “a maior e mais completa obra que liga a tradição grega da sátira menipéia às suas repercussões nos tempos modernos.” (1989, p. 43).

A sátira menipéia é considerada por Mikhail Bakhtin (2010) como linhagem literária representativa da carnavalização no discurso da literatura ocidental, sendo a carnavalização um processo através do qual o discurso popular irromperia no âmbito dos discursos formalizados, revolucionando-os. Embora Bakhtin recupere a produção luciânica, situando-a junto ao diálogo socrático, o estudioso considera Luciano um autor de sátiras menipéias.

A principal novidade, junção do diálogo filosófico ao cômico, trazida pela obra de Luciano é minimizada ao tê-lo como um mero reprodutor das sátiras de Menipo de Gadara. Recorrendo aos principais estudos de Bakhtin, perceberemos que o autor recupera a tradição ao passo que enclausura Luciano a simples reprodutor desse tipo satírico. Não

obstante, em consonância com as posições de Sá Rego (1989, p. 22) e a de Jacyntho Lins Brandão em *A poética do Hipocentauro* (2001, p. 15), consideramos que Menipo fornece a Luciano matéria satírica, e sob essa, ele põe as suas mãos e reelabora-a em seu diálogo cômico, tornando-a torna cada vez mais “luciânica”.

Sá Rego (1989) cunha como características principais da tradição luciânica: o questionamento genérico, o estilo fragmentário, a paródia e o nacionalismo, o caráter não-moralizante, as citações truncadas, o ponto de vista distanciado do *Kataskopos*, ou seja, a observação distanciada do objeto de análise. Características que são observadas na obra de Machado, por muitos estudiosos, como as dificuldades de enquadramento nos gêneros discursivos, a paródia, o ceticismo, as digressões, a ironia, a impessoalidade para criticar aspectos da sociedade brasileira.

Machado não estabelece relações apenas com a tradição luciânica, propriamente dita, mas também com autores que beberam do lucianismo, assim é um vestir-se da tradição ao passo que se nutre também da revisitação dela. Há estudos sobre a relação da obra de Machado com a de outros autores, que também são influenciados fortemente pelos textos de Luciano de Samósata; um deles é *Riso e Melancolia*, de Sergio Paulo Rouanet (2007), que estuda a linhagem luciânica e os autores que Machado faz menção em seus romances. Embora se tenha avançado nos estudos do *corpus* luciânico e de sua influência, ele ainda é mais estudado pelo viés histórico que pelo ficcional, conforme aponta Brandão (2001, p. 273). Com isso, por vezes a relação com a obra de Machado se dá pela recepção de Luciano em outros escritores, citando-o, mas não investigando as relações entre um e outro.

Segundo aponta Sá Rego (1989) os principais modos de parodiar presentes na tradição luciânica são: a paródia aos gêneros e convenções da literatura; paródia aos temas e ideias da literatura e da vida social contemporânea; paródia a textos definidos, através de citações literais ou quase-literais. Outrora, alguns críticos observaram as paródias e entroncamentos com autores estrangeiros como aspecto negativo na obra de Machado, um deles, o crítico Silvio Romero em *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira* (1897). O que Sá Rego pontua como característica fundamental da poética de Luciano: a paródia, e não a *mimesis* aristotélica. Havendo assim dois modos de relação com a tradição luciânica: o desenvolvimento dos temas e a presença das características típicas

do lucianismo (1989, p. 67). Machado, alinhado à tradição, inter-relaciona seus textos com outros, os quais parodia.

Quanto ao gênero literário escolhido em nosso plano de trabalho, a crônica, recorremos a alguns estudos teóricos como os de Antonio Candido e Marília Rothier Cardoso, e principalmente ao de Sônia Brayner “Metamorfoses machadianas: O laboratório ficcional” (1982), pois este está centrado nas crônicas de Machado.

A crônica enquanto gênero literário caracteriza-se como um tipo textual mais próximo do leitor e de linguagem clara. Embora tenha iniciado no *folhetim*, ela ganhou um espaço peculiar na literatura brasileira tendo escritores que foram exclusivamente cronistas, como é o caso do Rubem Braga. No entanto, nosso autor, Machado de Assis não foi apenas cronista. Para o crítico literário Antonio Candido, Machado soube fazer uso deste “veículo privilegiado, para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.” (CANDIDO, 1992, p. 19).

Para a estudiosa Marília Rothier Cardoso, a crônica semelha a bala. Em seu dizer:

Uma crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. Crônica vem de *Cronos*, Deus devorador. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito o papel, no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade. Só aos alfabetizados se permite esse luxo suplementar. Traz prazer fugaz, talvez perigoso. Ao desembrulha-la – pum! -, em estalo. *Cronos* é implacável. Até a gula acaba devorada (CARDOSO, 1992, p. 142).

A crônica torna-se viciante, pois desperta no leitor uma necessidade de lê-la, de devorá-la, mas como afirmado na citação acima, ela nunca foi uma necessidade primária. Para Cardoso “nomeia-se crônica o texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais) e o presente” (1992, p. 137); ou seja, cumpre uma função de ligação entre eras com o objetivo de situar o presente. O “discurso machadiano faz-se ambíguo para caracterizar a modernidade. Encena o presente, perquire-o de várias perspectivas, conhece-o extensamente, mas reserva-se o direito de dúvida, embutida nas entrelinhas” (CARDOSO, 1992, p.141). Candido considera também que

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele a grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Comumente encontramos o uso do humor nas crônicas em um cenário simples, mas de tamanha singularidade, que faz desse gênero um tipo surpreendente e revelador de uma grandeza sem igual. “A sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (CANDIDO, 1992, p. 14). O convívio íntimo com a palavra adquire um relevo e salta aos olhos os seus valores próprios, possibilitando que o leitor se envolva.

A estudiosa Sônia Brayner se debruça sobre as crônicas de Machado, considerando esse gênero como um “fragmento sem aura, de impossível distanciamento e singularidade” (1992, p. 416). A autora também diz que esse gênero na obra machadiana não é um texto-ponte para os considerados mais célebres do autor, mas sim uma solda capaz de entrelaçar sua produção literária por mais de quatro décadas.

Ainda, afirma ser a crônica jornalística o verdadeiro laboratório ficcional para o enunciado romanesco machadiano. Na produção de Machado, a crônica foi uma ferramenta para apreender fatos corriqueiros, mas de grande relevância, pois suscita a discussão das relações sociais (BRAYNER, 1982). Sob a égide do cômico, o cronista utiliza um discurso leve, culto, aparentemente paradoxal, aberto às mutações, arraigado à temporalidade e ao registro estilístico de sua obra. Quanto ao confronto entre a oralidade e o convencionalismo, é um mecanismo de causar impacto humorístico no leitor.

Nota-se também na crônica machadiana uma preocupação em desfazer o já-pensado, em vistas de questionar ações e comportamentos que a sociedade têm como inquestionáveis. “Machado de Assis coloca em julgamento o já-pensado, o já-feito, o já-sentido, com o firme propósito de desvendar a eterna pantomima do mundo, ópera esquecida por Deus e montada pelo Diabo, como a descreve em Dom Casmurro” (BRAYNER, 1982, p. 427).

Há uma relativização textual que se refere a comportamentos, a própria essência do mundo e a permanência dos valores inquestionáveis. Em toda a obra de Machado há essa “ambivalência dialógica da verdade” (BRAYNER, 1982, p. 429). Para que o autor exponha

suas ideias vazadas, faz uso constante do lúdico, do gracejo, do chiste para que o leitor não perceba de imediato a complexidade, mas que de forma leve e descontraída, conduza-o a questionamentos, sobretudo, de ordem social.

No que tange à comicidade, utilizamos estudos teóricos que já conhecíamos anteriormente, os quais tivemos contato em outro plano de trabalho em outro ano de iniciação científica. Vale lembrar que o nosso grupo de estudo é composto por alunas que já estão na pesquisa faz um tempo, em nosso caso, este é o quarto ano de iniciação científica. Assim, os estudos de Sigmund Freud (1977), Henri Bergson (2007) e Jolles (1976) foram importantes para a análise dos procedimentos e recursos cômicos. Cada um desses teóricos observam a comicidade por uma perspectiva diferente. Freud nota-a como uma revelação de discursos inibidos, como linguagem do inconsciente, libertadora. Bergson percebe-a como um meio de corrigir os desvios sociais, especialmente a mecanicidade, sendo-a eminentemente social. Jolles chega à conclusão de que o cômico desfaz as outras formas de linguagem, atando uma nova forma, é, portanto, de cunho linguístico. Quanto à ironia, recorreremos também, às considerações que o historiador Georges Minois em *História do riso e do escárnio* (2003) faz acerca desse recurso cômico.

Escolhemos como *corpus* a crônica “Os fanqueiros literários”, de Machado de Assis, que foi publicada na série de crônicas “Aquarelas” em 1859. Em linhas gerais, essa série de crônicas aponta para as relações sociais pela perspectiva: aparência *versus* essência. Visto que as duas crônicas subsequentes aos fanqueiros literários tratam do parasitismo sobre dois tipos diferentes: o alimentar e o literário. Esta última estabelece uma relação temática com o nosso *corpus*.

A série de crônicas “Aquarelas” é composta de 5 crônicas: “Os fanqueiros literários”, “O parasita I”, “O parasita II”, “O empregado público aposentado”, “O folhetinista”. O primeiro parasita trata do parasita alimentar, mesmo tipo abordado por Luciano de Samósata no diálogo *O Parasita*. O segundo parasita destina-se a falar do literário, que se relaciona e se diferencia do fanqueiro literário. O parasita literário quer a glória de estar entre os literatos e os fanqueiros desejam o resultado financeiro por meio de suas odes ou discursos destinados a louvar os ricos e poderosos. O empregado público aposentado vive em função de rememorar seu trabalho e porta-se como se ainda estivesse em exercício com as manias de ponto. Já o folhetinista é fruto do jornal, “do útil e do fútil”

(ASSIS, 1859, p. 11) e aponta um certo espelhamento do autor já que também foi um folhetinista. As cinco crônicas se relacionam por um elo: a discussão do parasitismo na sociedade brasileira. Diferem-se do parasita de Luciano, já que sua lente de foco é a discussão filosófica, assim, ser parasita é uma escolha pessoal em não levar a vida em função de alimentar as vaidades, pois, o parasita não tem com o que se ocupar. “Já o parasita não tem cozinheiro com quem se irritar, não tem terras, nem mordomo, nem dinheiro com cuja perda poderia se aborrecer” (LUCIANO, *O Parasita*, p. 30-31). Todavia, Machado importa a temática e coloca-a sobre outro viés: o social.

Em “Os fanqueiros literários”, Machado já inicia anunciando que a crônica não se caracteriza em uma sátira em prosa. Como afirma: “Não é isto uma sátira em prosa. Esboço literário apanhado nas projeções sutis dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu falar seco de prosador novato – fanqueiro literário.” (ASSIS, 1859, p. 1). Dessa maneira, evidencia que não se pretende moralizar os fanqueiros literários, mas sim reproduzi-los. Essa perspectiva não moralizante é uma característica da tradição luciânica.

O cronista denuncia a fancaria literária e a conceitua como “a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda à ondulação das espáduas do paciente freguês.” (ASSIS, 1859, p. 1). Apesar da denúncia feita, Machado não propõe uma saída moral para a fancaria, sua crítica deságua num profundo pessimismo já não havendo horizontes de esperança. Outra questão é o tratamento dado ao leitor desse tipo literário, o qual é considerado paciente freguês, isto é, não há uma relação do leitor enquanto tal, mas como um mero freguês, pois o que se tem não é de fato uma obra literária, demarcando assim a relação comercial. Ainda, chama de loja do talento o espaço em que os fanqueiros vendem seus produtos e marca quais gêneros ele utiliza (odes ou discurso). Como se segue: “Há de tudo nessa loja manufatora do talento – apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vazar-se, segundo suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes” (ASSIS, 1859, p. 1). Lembremos que manufatora se caracteriza em uma atividade feita em máquina caseira ou manualmente, chamar a fancaria literária de “manufatora do talento” é uma ironia, pois se falta o talento, não há como produzir um objeto literário, fazendo apenas meras reproduções travestidas de aspectos literários.

A fancaria é apresentada como “mecânica”, visto que reproduz em série produções forjadas como literárias. A mecanicidade é uma das características do cômico. No estudo *O Riso* (2007), de Henri Bergson, essa característica é considerada a principal marca do teatro bufo, apontando assim que quando rimos estamos rindo do mecânico calcado no vivo. Atentemos também para o fato do autor utilizar a expressão “ vaidades sociais”, revelando um dos objetivos da fancaria literária: alimentar as vaidades sociais de seus adeptos. Para Bergson (2007), a vaidade é o mais proeminente de todos os vícios, os demais gravitam em torno dela. Quando Machado chama de “ vaidades sociais”, mostra que o que a alimenta é a relação social, é o olhar do outro sobre o fanqueiro como um literato que o faz alçar duplamente seus objetivos: status social e dinheiro.

A fancaria literária poderá perder pela elegância suspeita da roupa feita, mas nunca pela exiguidade dos gêneros. Tomando a tabuleta por base do silogismo comercial é infalível chegar logo à proposição menor, que é a prateleira guapamente atacada a fazer cobiça às modéstias mais insuspeitas (ASSIS, 1859, p. 1).

Por ser a vaidade tão presente na vida social, e estar sendo exposta e atacada nessa crônica, Machado critica o mercado da fancaria literária, que está longe de ser a venda de verdadeiras obras literárias, para tanto, diz ironicamente “fazer cobiça às modéstias mais insuspeitas”. Nas palavras do filósofo Henri Bergson: “Não acredito que, com efeito, que tenhamos nascido modestos, a menos que se queira chamar também de modéstia certa timidez física, que, aliás, está mais próxima do orgulho do que se pensa” (2007, p. 129). A modéstia é mais vício do que virtude, pois no fundo camufla a nossa vaidade. Logo, a dita modéstia do fanqueiro redundava em orgulho disfarçado.

É lindo comércio. Desde José Daniel, o apóstolo da classe – esse modo de vida tem alargado a sua esfera – e, por mal de pecados, não promete ficar aqui. O fanqueiro literário é um tipo curioso. Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto histórico? Era uma excelente organização que se prestava perfeitamente a autópsia. Adelo ambulante da inteligência, ia *farto* como um ovo, de feira em feira, trocar pela enzinavrada moeda o pratinho enfezado de suas lucubrações literárias. Não se cultivava impunemente aquela amizade; o folheto esperava sempre os incautos, como a Farsália hebdomadária das bolsas mal avisadas. (ASSIS, 1859, p. 1).

Para refletir sobre a relação comercial da fancaria literária, Machado cria ficcionalmente um tipo de fanqueiro literário “José Daniel”, “um vulto histórico”, “um apóstolo da classe”. Ironicamente chama a produção desse fanqueiro de “lucubrações literárias”, um andante que ia às feiras com os folhetos nas mãos atacando os “incautos”, os leitores descuidados, para vender seus produtos. Como se não bastasse,

A audácia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco airoas, levava o atrevimento a ponto de satirizar os próprios fregueses – como em uma obra em que embarcava, diz ele, os tolos de Lisboa, para uma certa ilha; a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. É positiva aplicação. Os fanqueiros modernos não vão à feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de aplicação moral contra os costumes. A vereda é outra; exploram-se as folhinhas e os pregões matrimoniais e as odes deste natalício ou daqueles desposórios. Nos desposórios é então um perigo; os noivos tropeçam no intempestivo de uma rocha tarpéia antes mesmo de entrar no Capitólio. Desposório, natalício ou batizado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração às musas fanqueiras. É um eterno *gênesis* a referver por todas aquelas almas (almas!) recendentes de zuarte (ASSIS, 1859, p. 1-2).

No fragmento acima, Machado diz que os fanqueiros modernos, ao contrário dos antigos, não vão à feira, nem exploram o folheto dos bons costumes, mas aproveitam-se das datas importantes como casamento, batizado para fazerem suas odes. Sob a ironia, Machado diz que os fanqueiros buscam inspiração recorrendo às musas fanqueiras, assim, toma de empréstimo da cultura helênica as Musas, filhas de Zeus, fonte de inspiração artística. Machado é bastante influenciado pelos gregos, mas especialmente por Luciano de Samósata com quem apreende a “contaminação irônica”, segundo mostra o estudioso Brandão em “A Grécia de Machado de Assis” (2001).

Entretanto, esta calamidade literária não é tão dura para uma parte da sociedade. Há quem se julgue motivo de cuidados no Pindo – assim como pretensões a semideus da antiguidade; é um soneto ou uma alocução recheadinha de divagações acerca do *gênesis* de uma raça – sempre eriça os colarinhos a certas vaidades que por aí pululam – sem tom nem som. Mas entretanto – fatalidade! – por muito consistentes que sejam essas ilusões, caem sempre diante das consequências pecuniárias; o fanqueiro literário justifica plenamente o verso do poeta; *não arma do louvor, arma do dinheiro*. O entusiasmo da ode mede-o ele

pelas possibilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar (ASSIS, 1859, p. 2).

Assim, a crônica denuncia as divagações que não se alinham com a obra do fanqueiro literário, são, porém, meios de suprir a falta de assunto; como podemos ver na citação acima. Mais uma vez, o autor aponta para a vaidade dos fanqueiros, que “sempre eriça os colarinhos a certas vaidades que por aí pululam”. A expressão colarinho retoma a aparência e o vestir-se tal qual alguém importante para a sociedade; todavia, não passa de mera aparência. O crítico Alfredo Bosi no ensaio “A máscara e a fenda” (1982) discute essa relação na obra machadiana, que, segundo ele, a aparência dominante ocupa o espaço da essência e o sujeito precisa se esconder através da máscara, o que confere ao sujeito um enigma do que de fato se é longe dos olhares sociais. Desta maneira, os fanqueiros literários sabem bem como se portar dentro dessa dinâmica social: escondem a falta de talento por meio da máscara de literatos, portando-se como tais.

A crônica mostra o real interesse do fanqueiro literário: o dinheiro. Assim, marca que o entusiasmo da obra é medido pela classe social e pelo poder aquisitivo que o elogiado tem. Destarte, os banqueiros se tornam “arquétipo da virtude”, o que Machado troça com a ironia que desfaz a afirmação anterior, dizendo ser uma “tese difícil de provar”, já que os banqueiros extorquem a população com altas taxas.

Querendo imitar os espíritos sérios, lembra-se ele de colecionar os seus disparates, e ei-lo que vai de carrinho e almanaques na mão – em busca de notabilidades sociais. Ninguém se nega a um homem que lhe sobe as escadas convenientemente vestido, e discurso na ponta dos lábios. Chovem-lhe assim as assinaturas. O livrinho é prontificado e sai a lume. A teoria do embarcamento dos tolos é então posta em execução; os nomes das vítimas subscritoras vêm sempre em ar de escárnio no pelourinho de uma lista-epílogo. É, sobre queda, coice. Mas tudo isso é causado pela falta sensível de uma inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo as livrarias! (ASSIS, 1859, p. 2).

A crônica revela que o fanqueiro imita os espíritos sérios, anda com almanaques nas mãos, sempre está convenientemente vestido e com discurso na ponta dos lábios. O autor descreve as ações típicas do fanqueiro literário, exibindo a vaidade e a mascarada do

talento. Assim, “o livrinho é prontificado”, nomeado no diminutivo para marcar a insuficiência da produção se comparada ao verdadeiro trabalho literário.

O autor utiliza uma linguagem até mesmo grosseira, desrespeitosa para falar daqueles que têm seus nomes no epílogo, chamando-os de tolos. Dizendo “É, sobre queda, coice”. Residindo numa produção rasteira, travestida de verdadeira obra, e aqueles que apoiam e têm seus nomes relacionados a ela acabam por tomar um verdadeiro tombo. Ademias, o cronista diz escancaradamente que “tudo isso é causado pela falta sensível de uma inquisição literária!”. Transpondo a inquisição religiosa realizada pela Igreja Católica Romana na queima de livros e hereges para uma inquisição de ópios encadernados de autoria dos fanqueiros. A ironia é construída pela expressão “falta sensível”, em razão de a sensibilidade não significar destruir objetos pessoais de outrem, Machado confere nova significação: a sensibilidade de impedir que essas produções ocupem o lugar da verdadeira arte literária.

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrelas. O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente: - Nada! Isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea, - são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água (ASSIS, 1859, p. 2).

O autor compara o talento com as estrelas e envereda numa discussão sobre a relação do poeta e do astrônomo as observando. Cada um lhe atribui sentidos diferentes: o poeta as tem como objeto de apreciação e inspiração artística e o astrônomo responde cientificamente a sua existência. Desse modo, Machado discute a “ambivalência da verdade”, como intitula Sônia Brayner (1982), isto é, os diferentes pontos de vista sobre um objeto, uma questão. Atrelado à obra da fancaria, considerá-la assim é um ponto de vista atribuído por seu observador crítico, já não sendo considerada do mesmo modo pelos seus “pacientes fregueses”.

Vale ressaltar que a crônica analisada é a primeira da série “Aquarelas”, nesta há duas crônicas que tratam a respeito do parasita, o alimentar e o literário. As ambições destes são comer e ostentar. Tais são iguais às do fanqueiro literário: “comer bem e ostentar” (ASSIS, 1859, p. 2). Ironicamente, o autor constrói uma ironia ao chamar o

fanqueiro de “dândi apavoneado – mas sem vaidade”, pois o termo “apavoneado” está ligado à vaidade, ao luxo, ao exhibir-se. É a chamada falsa modéstia, a negação de receber as honrarias, quando de fato as quer receber. A ironia reside nessa contradição da postura e o desejo do fanqueiro, sendo-a uma representação do oposto, como Freud a considera (1977, p. 199).

A Buffon escapou esse animal interessante; nem Cuvier lhe encontrou osso ou fibra perdidos em terra antediluviana. Por mim, que não faço mais que reproduzir em aquarelas as formas grotescas e *sui generis* do tipo, deixo ao leitor curioso essa enfadonha investigação (ASSIS, 1859, p. 3).

Chamar o fanqueiro literário de “animal interessante” é promover um rebaixamento desse tipo parasitário, e o rebaixamento é do âmbito da comicidade, como já considerado por Bergson em seu estudo sobre o teatro bufo. Assim, o rebaixamento do homem ao estado de coisa ou de animal é deflagrador do cômico (2007, p. 43). Ao finalizar a crônica, Machado afirma que está reproduzindo as formas grotescas e seus tipos, deixando “ao leitor curioso essa enfadonha investigação” (ibidem, p. 3), formas grotescas é outra evidência textual de como rebaixa o fanqueiro ao nível do grotesco. Ao tempo que chama o leitor à responsabilidade de investigar os tipos parasitários mais proeminentes na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, os quais Machado esboça nas “Aquarelas”.

Desse modo, conclui a crônica definindo o fanqueiro literário como “uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos” (ASSIS, 1859, p. 3). Aponta para a mecanicidade da produção, em que não há intelectualidade, pelo contrário, torna o “talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa, movida pelas probabilidades financeiras do resultado”, com isso, se perde “a dignidade do talento, e o pudor da consciência” (ibidem, p. 3). Dentre os recursos da comicidade presentes na crônica, a ironia machadiana se sobressai. Esse recurso, observado por Georges Minois como “aos olhos de muitos é indispensável, em nossos dias, nas questões sociológicas” (2003, p. 569) e em Machado ganha o tom de relevância para melhor reflexão acerca das relações sociais, que nesse caso, firma-se na esfera do sistema literário enquanto meio comercial.

CONCLUSÕES

O estudo da tradição luciânica, uma vertente cômica vinda da sátira menipéia, nas crônicas de Machado de Assis contribui para os estudos das Letras em diferentes aspectos. Primeiramente, no resgate dessa tradição, que já foi vista e apontada por alguns estudiosos como Brandão (2001) e Sá Rego (1989), no entanto, pouco se observa do lucianismo na primeira fase de Machado. Paralelamente desperta o olhar da crítica literária para a crônica que vem sendo relegada a condição de “gênero menor”, como já afirmado por Antonio Candido (1992, p. 13). Nesse emaranhado de contribuições, “Os fanqueiros literários” evidenciam a aproximação de Machado com os escritos luciânicos, sobretudo, com *O Parasita*, o qual estreita laços nas “Aquarelas”, por trazer à tona a temática explorada pelo sírio Luciano. Os fanqueiros engendram reflexões quanto ao talento, à obra literária e seu lugar na sociedade brasileira, às relações sociais baseadas na aparência e questiona a própria estrutura social, na qual condiciona a fabricação em série de “odes ou discursos” para atender aos “natalícios, casamentos, batizados” dos poderosos.

PERSPECTIVAS

O estudo de “Os fanqueiros literários” aponta para a importância da série de crônicas “Aquarelas”, pertencente a primeira fase machadiana e ao momento de seus primeiros passos no jornal. Por já mostrar a sua relação com a tradição luciânica e retomar a temática do parasitismo é válida uma investigação de maior fôlego, comparando *O Parasita*, de Luciano de Samósata ao conjunto de crônicas. Não para mostrar apenas a relação de influência, mas, sobretudo, para buscar os sentidos engendrados por essa relação, tanto para o ficcional quanto para as reflexões sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Aquarelas. Disponível em: <machado.mec.gov.br/obra-completa-menu-principal-173/169-crônica>. Acesso em: 15 set. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: A teoria do Romance**. 5. Ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. Ed. São Paulo, Hucitec, 2010.

_____. A respeito de problemas da obra de Dostoiévski. BAKHTIN, Mikhail. In: **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. Ed. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2011.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comichade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (Coleção Tópicos).

BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: BOSI, Alfredo (Org.) et al. **Machado de Assis: antologia & estudos**. São Paulo: Ática, 1982. P. 437- 457.

BRANDÃO, Jacyntho Lins Brandão. A Grécia de Machado de Assis. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. **O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 351-374.

_____. **A poética do Hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BRAYNER, Sônia. (1982). Metamorfoses machadianas: O laboratório ficcional. In: BOSI, Alfredo et al. **Coleção escritores brasileiros: Antologia e estudos**. São Paulo: Ática, 1982. p. 426-437.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. (Org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio. (Org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 137-151.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução: Margarida Salomão. 1ª Edição, Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, outubro de 1977.

JOLLES, A. O Chiste. In: **Formas Simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 205 - 216.

MINOIS, Georges. 1946. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SÁ REGO. E. José de. **O Calundu e a panaceia**: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 193 p. Coleção “Imagens do Tempo”.

SAMÓSATA, Luciano de. **O Parasita**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012 – (Coleção Ideias Vivas).

OUTRAS ATIVIDADES

Apresentamos o trabalho de iniciação científica “A crítica sobre a comédia grega entre os romanos por Horácio, Cícero, Dionísio de Halicarnasso”, no 26º EIC (Encontro de Iniciação Científica) na Universidade Federal de Sergipe, no *campus* de São Cristóvão. Produzimos relatórios de pesquisa concernentes a esse plano de trabalho. Também produzimos relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX), vinculado ao projeto “Blog de sequências didáticas, oficinas, projetos pedagógicos de língua e literaturas de Língua Portuguesa.” Apresentamos o trabalho “A Arte Poética de Horácio” no IV Colóquio Filosofia e Literatura, promovido pelo Grupo de Estudos Filosofia e Literatura (GEFELIT), com publicação de resumo e artigo completo em anais. Publicamos o artigo “A linguagem em Guimarães Rosa: a arte de compor às avessas”, em coautoria com a discente Daynara Lorena Aragão Côrtes, na Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes (MARgem) em sua 12ª edição. Esse trabalho foi fruto de uma disciplina de Literatura Brasileira, e, portanto, foi desenvolvido em dupla e compôs parte de nossa nota para aprovação. Também publicamos o artigo intitulado de “Pela voz do diabo um novo evangelho”, em coautoria com a Profa. Dra. Jacqueline Ramos. Este é resultado das pesquisas que temos desenvolvido acerca das crônicas machadianas. Tal artigo foi publicado pela Revista Eletrônica Iniciação e Formação Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em seu 4º volume.